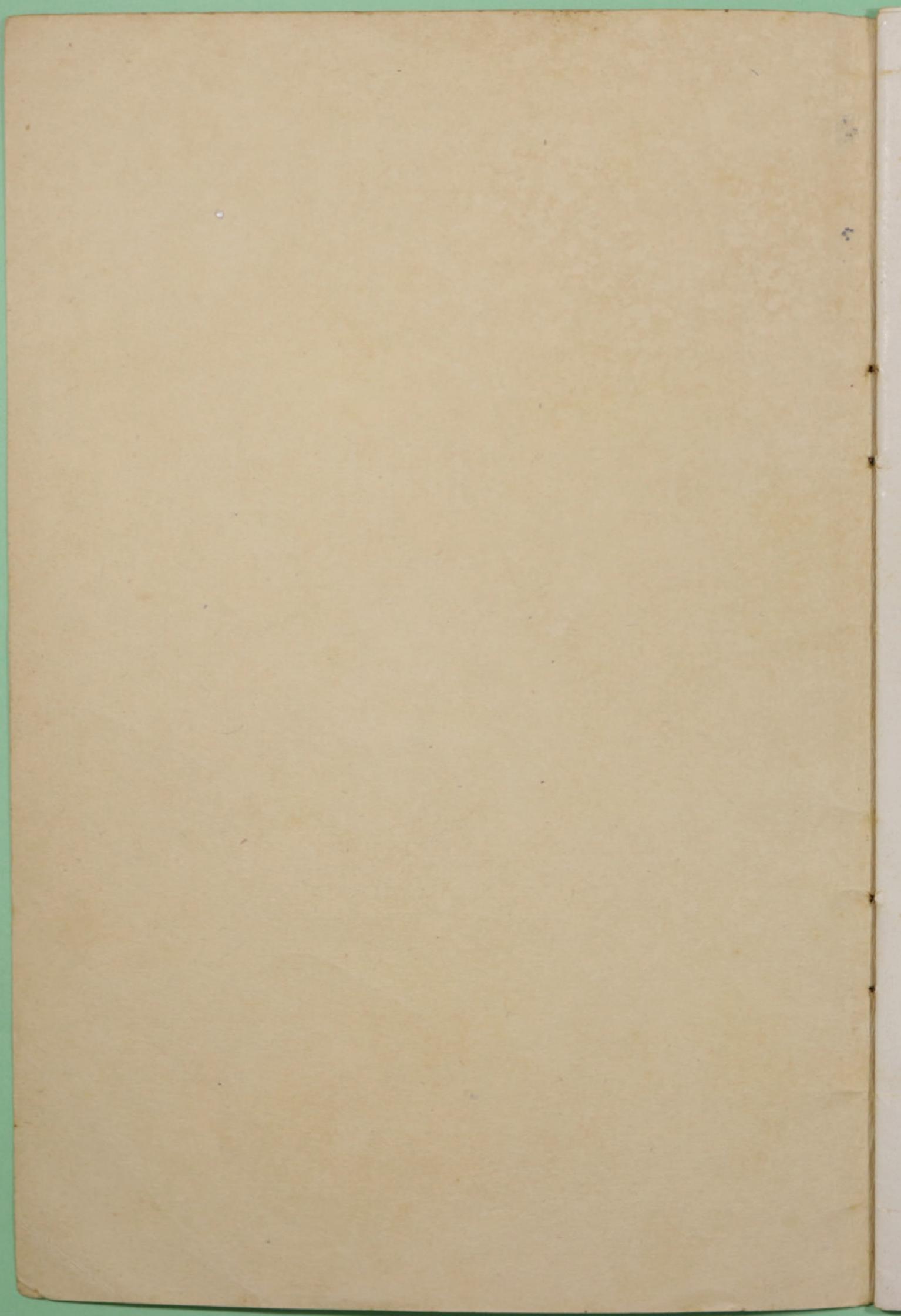


GELASIO PIMENTA

ALEXANDRE LEVY

:: Trabalho apresentado ao Instituto
Historico e Geographico de S. Paulo,
em sessão de 20 de Setembro de 1910.





GELASIO PIMENTA

ALEXANDRE LEVY

:: Trabalho apresentado ao Instituto
Historico e Geographico de S. Paulo,
em sessão de 20 de Setembro de 1910.

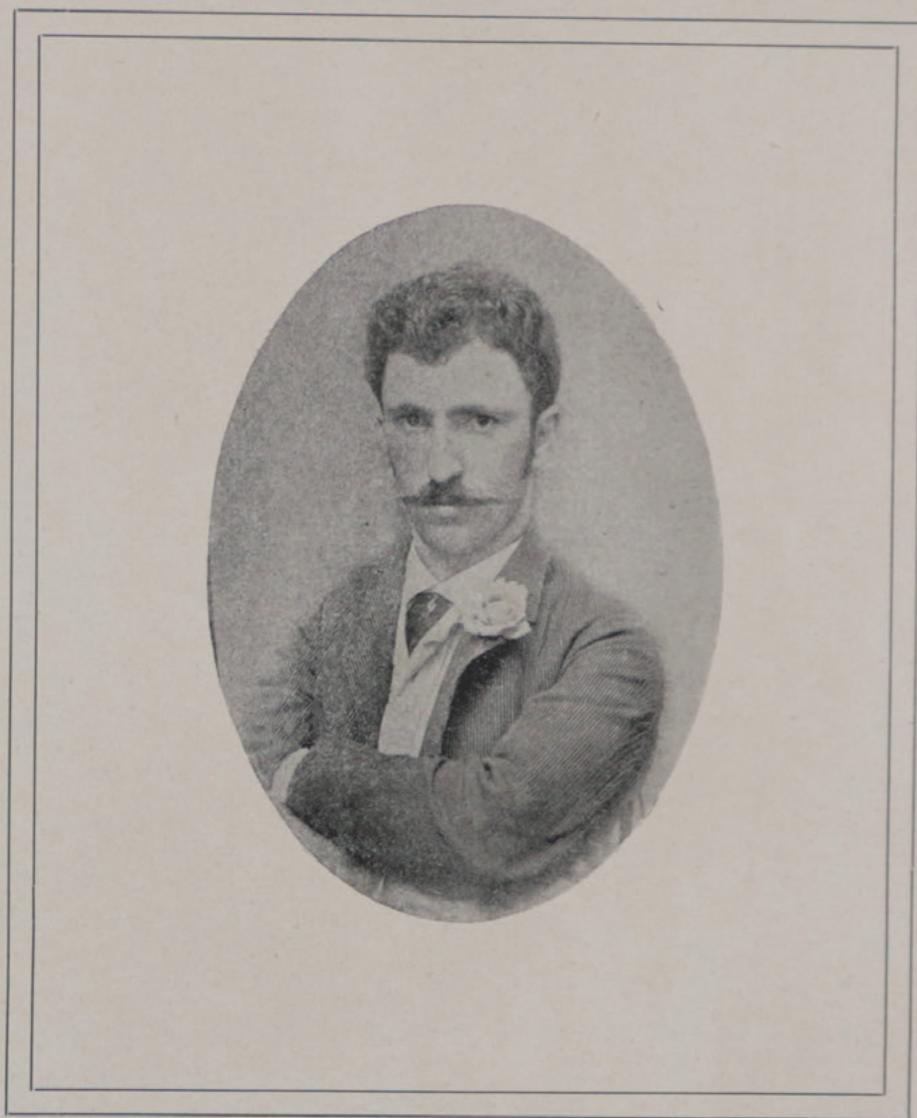


Á IMPRENSA

Esta conferencia foi publicada na integra pel'O ESTADO DE SÃO PAULO, JORNAL DE COMMERCIO e em resumo pelo CORREIO PAULISTANO, COMMERCIO DE SÃO PAULO, DIARIO POPULAR, PLATÉA e FANFULLA, que levaram a sua generosidade ao ponto de attribuir ao auctor meritos que elle absolutamente não possui.

O auctor agradece tamanha prova de colleguismo a todos que receberam de modo tão amavel e captivante este pequeno e insignificante trabalho.





ALEXANDRE LEVY

ALEXANDRE LEVY

Meus senhores,

Nesta época de rude materialismo, em que o homem é absorvido pelas preocupações utilitarias, o estudo da historia sobe de vulto para aquelles que ainda se não sentem atrophados pelos exaggeros das cogitações positivas e vão buscar nas tradições do passado vultos e factos que possam servir de exemplo e incentivo ás gerações contemporaneas.

Muitos são os brasileiros que culminaram nas sciencias, na politica e nas artes e cujos feitos se vão apagando da nossa memoria, não porque não mereçam figurar nas paginas da historia nacional, mas porque temos o habito de esquecer muito cedo tudo que nasce e é acalentado no regaço da nossa Patria.

Possuimos um elevado grau de cultura intellectual, assimilada naquillo que de melhor têm produzido os francezes, os italianos, os allemães, os inglezes, os norte-americanos; temos uma instrucção bem cimentada, porque soubemos aproveitar de cada um desses povos o que elles têm concebido de melhor na irradiação do seu pensamento. Entretanto, ainda não aprendemos as suas lições no culto que tributam aos grandes homens.

Esse culto deve abranger todos os ramos das sciencias e das artes. Não é sómente nos dominios das investigações praticas que o homem collabora para o engrandecimento da Patria. Tanto merece de seus compatriotas o cientista que no fundo do laboratorio descobre formulas novas e surprehendedentes, como o poeta ou o musico, o pintor ou o esculptor que se destaca pelo labor inspirado e fecundo.

E, porque assim penso, apresentarei ao preclaro Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, onde acabo de ser imerecidamente recebido e saudado por um dos seus mais illustres membros, (*) um pequeno e modesto subsidio para o estudo da vida e da obra de um paulista notavel que culminou na arte sublime que inspirou Mozart e produziu Beethoven, que fez vibrar Rossini e revolucionou Wagner.

Alexandre Levy é o musico de quem me occuparei. Não foi propriamente um genio.

Genio foi Beethoven, que creou a «PASTORAL»; genio foi Mozart, que produziu o «REQUIEM»; genio foi Haydn e foi Bach, foi Verdi e foi Rossini; genio foi Carlos Gomes, que se immortalisou nas paginas selvagens do «GUARANY».

Alexandre Levy foi um artista de grande talento e que vasou as suas producções em forma muito pura, capaz de resistir á critica mais severa.

S. Paulo estava influenciado, na época em que elle floresceu, pela arte theatral, pelas bellezas da musica italiana. Alexandre inclinou-se para a musica de camara e dedicou-se á escola allemã, imitando Schumann e Chopin, não porque repudiasse a musica de theatro, mas porque era para o outro genero que pendia o seu temperamento.

Berlioz teve de lutar contra o espirito rotineiro dos que não admittiam pudesse um genio revolucionario ferir e

(*) O orador foi saudado pelo Dr. Dinamerico Rangel, 1.º Secretario do Instituto.

convulsionar regras e preconceitos que pretendiam tivessem força de lei nos dominios da esthetica musical. Temperamento arrebatado, espirito persistente e combativo, incapaz de transigir com os processos que se oppuzessem aos seus ideaes artisticos, o autor da «SYMPHONIA FANTASTICA» passou pela sua época sem ser comprehendido pelo vulgo—elle que, se não fôra o primeiro musico da França, teria sido, na opinião de Legouvé, um dos seus maiores escriptores.

Tambem Levy foi mal comprehendido pelos seus contemporaneos. Mas não foram os preconceitos da forma que se insurgiram contra os seus ideaes. S. Paulo era um centro atrasado, onde podiam ser apontadas a dedo as pessoas que revelavam algum interesse pela arte musical. O artista teve de vencer a apathia de um meio incipiente, que apenas começava a receber os primeiros influxos dos centros europeus.

Modesto ao ponto de se mostrar sériamente contrariado quando seus paes, por um sentimento muito natural com orgulho se referiam ao talento do filho predilecto, em palestra com as pessoas que lhes frequentavam a casa, era Alexandre uma dessas creaturas puras e meigas que attraem e fascinam ao primeiro contacto. Os seus gestos brandos e macios reflectiam uma alma terna e delicada, alma romantica e scismadora como a de Chopin e que não encontrou um ambiente favoravel aos seus canticos e aos seus devaneios.

Apesar de educado para o commercio, desde cedo se revelou artista. Era um bohemio. Ás vezes vagueava pela cidade, acompanhado por um ou outro amigo, outras vezes ia á Ponte Grande ouvir os murmúrios suaves da correnteza, outras ainda ficava horas e horas a contemplar a luz branda e mysteriosa do luar projectada sobre o cimo alcantilado dos montes...

S. Paulo não tinha ainda os ruidos de uma grande capital, nem possuia essa fulgurante civilisação que constitue

o orgulho da heroica estirpe dos bandeirantes. Não ostentava essa civilização ruidosa, mas também não era invadida pelo seu negro cortejo de vícios e de crimes. Não tinha Jacinthos, mas não agasalhava ladrões de casaca nem assassinos de luvas. Era uma cidade pacata — um doce retiro onde podiam tranquillamente viver as almas ingenuas e contemplativas como a de Alexandre Levy, alma delicada de poeta que verteu em musica os seus poemas e as suas canções, alma privilegiada de estheta que amava o ideal e adorava o Bello em toda a sua pureza, em toda a sua magestade.

Alexandre era um artista na verdadeira accepção do termo. Não tinha geito para negociante. Estando uma vez de plantão na loja de seus paes, pediu-lhe uma senhora que tocasse uma polka enfadonha. Alexandre mostrou-se amuado e respondeu com rude franqueza: — «Isso não posso tocar Ouça esta outra musica, que é melhor». E executou uma «SONATA» de Beethoven. A fregueza protestou: achou que a «SONATA» não valia nada e insistiu com Alexandre para que lhe vendesse a polka, pois isso de classicos era só para os exquisitões de gosto estragado como elle.

Um episodio interessante. A familia Levy possuia um bello cão de fila, mais dedicado que o FIEL de Guerra Junqueiro, mais leal que o CESAR de Eduardo VII. Quando Luiz Levy, irmão mais velho de Alexandre, se sentava ao piano, o cão vinha infallivelmente collocar-se a seu lado. Quando, porém, o executante era Alexandre, o animal não se abalava de onde estivesse para o apreciar. O cão deliciava-se com as musicas de Luiz, porque eram alegres, e detestava as de Alexandre por serem tristes e lamuriantes. Em compensação Alexandre tinha uma ardente admiradora, solidaria com as suas melancholias. Conta-se que uma aranha sentia verdadeira attracção pelas suas musicas. Sempre que elle tocava,

ella surgia de seu ninho e vinha correr agitada mente sobre o piano...

O talento musical de Alexandre Levy teve quasi a mesma precocidade de Mozart e o brilho deslumbrante dos primeiros annos de Liszt.

Em 1871, quando Alexandre contava apenas sete annos de idade, Cardoso de Menezes, auctorizado critico musical, assim se exprimia em carta dirigida ao notavel jornalista Ferreira de Menezes:

«Tendo recebido apenas algumas lições de seu irmão, ao que me consta, quando se senta ao piano para tocar algum pedaço de musica com o seu joven mestre, converge toda a sua attenção para o que está executando e não discrepa sequer o valor de uma semifusa do rythmo que deve seguir na execução. Aquella concentração, tão rara de encontrar-se em uma idade como a delle, e a exactidão com que toca, levam-me a crer piamente que será o nosso Mozart».

* * *

Alexandre Levy nasceu em S. Paulo a 10 de Novembro de 1864, do consorcio do commerciante francez Sr. Henrique Luiz Levy com a Exc.^{ma} Sr.^a D. Laurette Levy, natural da Suissa.

Depois de aprender os primeiros rudimentos de musica com seu irmão Luiz Levy, iniciou, em 1876, os seus estudos com o professor Luiz Mauricio, continuando-os mais tarde com Gabriel Giraudon, antigo mestre de Henrique Oswald e o primeiro que ensinou a pianista Antonietta Rudge Miller.

Mas, uma natureza tão rica e fecunda não se podia limitar ao «VIRTUOSISMO». O artista sentia necessidade de erguer o vôo a regiões mais alevantadas. E, em 1883

declarou aos intimos, sentiu-se invadido pela saudade dos seus, quando na grande capital do Mundo, acariciando o teclado, evocava a canção popular brasileira — «VEM CÁ, BITÚ».

Extraordinario capricho de psychologia! Aquella singela melodia trazia-lhe ao espirito tão vivas impressões, que o artista vertia lagrimas quando a recordava em Pariz! Alexandre escreveu sobre o «BITÚ» deliciosas variações, impregnadas de suavissimos queixumes.

Recordando o «BITÚ», talvez invocasse alguma visão sonhadora e murmurasse como Chopin, repetindo os versos de Soumet:

«Je t'aime
Semida, et mon cœur vole vers ton image
Tantôt comme un encens, tantôt comme un orage...»

Alexandre continuou em S. Paulo os seus estudos. Passava horas e horas a analysar as obras dos mestres classicos e romanticos que mais despertavam o seu enthusiasmo e aos quaes ainda mais se affeioára depois das audições dos concertos de Colonne e Lamoureux.

De Novembro de 1887 a 1890, compoz muitas obras de valor. Acabada a primeira febre de compor e tendo já estudado os classicos e romanticos antigos, começou a interessar-se pela revolução operada no drama musical pelo genio extraordinario de Ricardo Wagner, cujas partituras queria penetrar, cujos segredos procurava desvendar em longas horas de vigilia.

Mas, antes que o artista pudesse distender amplamente as azas num vôo largo e dilatado ás regiões azues da arte que abraçára com todo o fervor da sua alma apaixonada, a morte veiu surprehendel-o, colhendo-o em plena juventude no seu negro manto de exterminio. Alexandre exhalou o ultimo suspiro a 17 de Janeiro de 1892, quando contava

apenas 27 annos de idade. Não teve agonia. A sua vida extinguiu-se brandamente, com a serenidade dos ultimos accordes de um nocturno de Chopin...

Morreu na Chacara Levy, á rua Vergueiro, na occasião em que jantava em companhia da familia. Levava á bocca a primeira colher de sopa, quando se deteve e apenas pôde dizer — ESTOU TONTO. Foram essas as suas ultimas palavras. Pendeu em seguida a cabeça e succumbiu ao peso de uma apoplexia fulminante.

A prematura morte do symphonista da «COMALA» produziu dolorosa impressão em S. Paulo, principalmente entre os artistas e intellectuaes que o conheciam intimamente e comprehendiam o valor de tão bello talento musical.

No auge da dôr produzida pelo brusco desaparecimento do filho querido, ceifado em pleno vigor dos annos pela morte implacavel, o velho e saudoso Henrique Levy dirigiu uma sentida carta a Cardoso de Menezes, que a inseriu em uma chronica estampada em o numero 2 da «GAZETA MUSICAL», revista que se publicava em S. Paulo sob a direcção de Alfredo Fertin Vasconcellos e da qual era Ignacio Porto Alegre o principal redactor.

Eis os termos dessa carta:

«Como velho amigo, devo referir-me ao triste momento em que nos foi inopinadamente arrancado aquelle que formava o objecto de minhas mais caras esperanças, fatalmente convertidas, hoje, pelo destino, em puras illusões. No Domingo, 17 proximo passado, como de costume, estavamos jantando, reunida a familia, na residencia da nossa chacara. Alexandre, que não estava doente e que de nenhum incommodo se queixára até o fatal momento; que estivera até onze horas do dia em reunião de amigos, na cidade; que paleara, de volta á chacara, com o seu HUMOUR babitual,

sentou-se á mesa, tomou um prato de sôpa e logo em seguida um copo de vinho, para continuar a jantar.

«De repente, diz: — ESTOU TONTO!...

«Fixou os olhos no prato, com as duas mãos encostadas na testa, foi cahindo nos nossos braços e não deu mais signal de vida!

«Ah! meu amigo, que horrivel momento! que terrivel choque! Eu, quasi louco, abraçando o nosso pobre Alexandre morto!...

«Imagine o resto, meu amigo...

«Foi-se com o pobre rapaz uma parte do meu coração; todo o meu orgulho se abateu desde aquelle momento, e vão-se do meu espirito dissipando em troca o sentimento amargo de nossa nihilidade!»

O «ESTADO DE SÃO PAULO» publicou, em seu numero de 19 de Janeiro de 1892, um necrologio, do qual extrahimos estes trechos:

«Além de pianista, Alexandre Levy distinguia-se altamente como compositor. Era um talento natural e facil, bem orientado por uma bôa educação de arte. Deixa numerosas composições, inéditas e impressas, de entre as quaes citaremos as seguintes, todas muito bem recebidas pelo publico: «CAPRICE», «TROIS IMPROVISATIONS», «VALSE-CAPRICE», «PREMIÈRE MAZURKA», «DEUXIÈME MAZURKA», «TANGO BRASILEIRO», todas para piano, e um «SAMBA» caracteristico, para orchestra, que ha cerca de um anno foi executado com grande successo no Rio de Janeiro, em uma das MATINÉES dirigidas pelo maestro Carlos de Mesquita. Em todas essas composições admiravam os entendidos a notavel correcção, profundeza de sentimento, gosto e arte com que eram escriptas, todas as qualidades enfim que constituem um artista de raça e de talento. Alexandre Levy era em S. Paulo a auctoridade

procurada e ouvida por todos os artistas, tanto nacionaes como estrangeiros.

«O que ha de mais fino e de mais competente entre os notaveis musicos brasileiros—todos o procuravam e com elle entretinham relações. Ha muito tempo que era em S. Paulo o indefesso propagador de Beethoven, Haydn, Mozart, Mendelssohn e todos os grandes luminares da musica classica. Por isso talvez as suas bellas composições, mesmo as mais simples e de assumpto nacional, eram repassadas desse sabor classico.»

O «CORREIO PAULISTANO» em cujas columnas Alexandre exerceu a critica musical, com o pseudonymo de FIGAROTE, publicou um sentido artigo, do qual destacamos os periodos seguintes:

«Alexandre Levy gosava em S. Paulo, no Rio e no estrangeiro de uma solida reputação artistica, conquistada pelo seu esforço extraordinario, talento, vocação e aturado estudo.

«Aqui em S. Paulo, no meio artistico, fino, selecto, do qual elle era a alma, o impulso, o estimulo, todos sabem a lacuna sensibilissima e a profunda magua que a sua perda vem causar.

«Temperamento artistico do mais fino quilate, o malgrado moço tinha comsigo a suprema qualidade da vocação natural, do esforço proprio, da educação musical feita e cultivada no remanso e na concentração do seu espirito de artista, sem cunho de um systema ou de uma escola.

«Como artista, como critico musical, Alexandre Levy deixa inolvidavel saudade no circulo dos seus admiradores.

«Aqui, nas columnas desta folha, fica uma preciosa collecção de artigos seus, de critica musical, que são valioso attestado da sua competencia incontestavel.

«Era em S. Paulo o apoio effectivo de todo artista que aqui vinha em excursão; nelle residia o mais decidido estimulo pelos assumptos de arte musical.

«E, na sua capacidade de artista de grande mérito, notava-se o afinco pelo estudo, o cultivo sério da arte que idolatrava.»

O maestro Assis Pacheco, auctor do libreto da «COMALIA», publicou no mesmo jornal, a 23 de Janeiro de 1892, um interessante artigo, do qual transcrevemos os seguintes topicos:

«Morreu um dos mais completos artistas musicos do Brasil.

«Passo na azafama do trabalho diurno pela rua do Ouvidor e ouço, num momento, uma phrase que me é como o estampido secco de um raio, em pleno Sol, em pleno azul...

«Morreu Alexandre Levy!

«E não hesito em repetil-o: um dos mais completos artistas brasileiros. Conheci-o ha muito tempo. Poucos, certamente, como elle possuem uma tão rica, tão vasta e sobretudo tão séria e criteriosa bibliotheca musical. As mais notaveis partituras de symphonias, poemas symphonicos, quartettos, trios, operas, etc, — representantes de diversas edades e escolas de musica eram a sua leitura diaria, o manancial do seu goso esquisito de extraordinario, de finissimo artista...

«Ha dois ou tres annos, mais ou menos, Alexandre Levy recebêra da Allemanha as obras completas de Wagner, até então lidas e relidas em reduçções de piano, numas partituras authenticas de grande orchestra. Foi um dia feliz aquelle para o seu talento; e, quando eu entrei no estabelecimento musical do seu pae, Alexandre veio para mim, trazendo enormes volumes erguidos ao alto, na expansão ruidosa de uma alegria triumphal.

— Pesam! — disse eu sopesando os volumes.

—Trazem peso de ouro massiço!

«Era accentuadamente, caracteristicamente symphonista, e deixa para prova dessa asserção uma grande symphonia completa; com a rija severidade dos moldes da arte, com a correcção e nitidez das regras fundamentaes da harmonia moderna, e principalmente com a bizzarria aristocratica do seu estylo novo, já pessoal, já conquistado á sua enorme e variadissima erudicção literario — musical.»

Referindo-se á morte de Alexandre Levy, Carlos Gomes escreveu as seguintes palavras, que vivamente traduzem a admiração do glorioso autor do «GUARANY», pelo musico patricio:

«Alma ardente de artista genial, desappareceste tão cedo, vestindo assim de profundo luto a arte nacional! Mas o teu espirito, com a velocidade do pensamento, foi collocar-se entre as pleiades celestes no Pantheon dos astros de primeira grandeza. E de lá o raio da tua luz desce até nós, illuminando a palavra sincera gravada em todos os corações: «SAUDADE».

O finissimo e desditoso compositor Leopoldo Miguez assim se exprimiu:

«Morreu Alexandre Levy, um talento musical assombroso, extraordinario, talvez o maior dos poetas musicos brasileiros! O que a patria acaba de perder mal sabe, infelizmente, a massa geral do povo, tão descuidada na apreciação dos verdadeiros artistas, tão retardataria em fazer justiça aos maiores, aos mais puros engenhos!»

Possuimos uma carta de Marcel Hervegh, (*) notavel violinista e um dos amigos intimos de Wagner, na qual se lêem as seguintes linhas em relação á morte de Alexandre Levy:

(*) Marcel Hervegh realisou diversos concertos em S. Paulo, no mez de Setembro de 1890. Era de nacionalidade suissa, filho do poeta Jorge Hervegh e discipulo de E. Singer.

«Le Brésil a perdu son meilleur musicien, un homme et un artiste d'une noblesse de caractère exceptionnelle.»

Não se limitou a essa expressão o testemunho de apreço de Hervegh. Elle foi além. Estando em Pariz ao tempo da morte de Alexandre Levy, mandou buscar em S. Paulo as suas composições e fez executal-as em varios concertos alli realisados em 1892 e 1893.

* * *

Muitas são as composições deixadas pelo musico paulista. Um dos seus primeiros trabalhos foi uma fantasia para dois pianos sobre motivos do «GUARANY», dedicada a Carlos Gomes, que a mandou editar em Milão.

De 1879 a 1882 escreveu, além dessa fantasia, as seguintes peças: «IMPROMPTU-CAPRICE»; «VALSE-CAPRICE»; «MAZURKAS»; N.ºs 1 e 2, «TARANTELLA» para piano a quatro mãos, deixando ainda por editar o «DEUXIÈME-IMPROMPTU»

A 5 de Maio de 1883 fez ouvir uma composição de maior responsabilidade, em um concerto aqui realisado pelo violinista Vicente Cernicchiaro. Foi o «TRIO EM SI BEMOL», que lembra o estylo de Beethoven.

Elaborou depois um arranjo, para piano a quatro mãos, sobre a «DANSE DE SYLPHES», de Kullac, no qual fazia successo todas as vezes que o tocava com o seu irmão Luiz.

Produziu em 1885 o seu primeiro quartetto de cordas e dedicou-o a Leopoldo Miguez, de quem muito se affeioára.

Em 1886 compôz a «SYMPHONIA EM MI», dividida em quatro partes, fazendo dellas varios arranjos para piano a quatro mãos.

Apresentou em 1887 a interessante collecção — «DOUTE, AMOUR PASSÉ» e «CŒUR BLESSÉ».

Em 1888 dedicou-se quasi exclusivamente ao genero symphonico, em que deixou paginas de subido valor.

Compôz em 1889 uma «RÊVERIE» para quartetto de cordas e uma «CANTATA» para orchestra e vozes, ambas escriptas especialmente para uma sessão funebre realisada em homenagem ao imperador Guilherme, que acabava de fallecer na Allemanha.

Produziu em Abril de 1890 o «TANGO BRASILEIRO», finalmente acabado e de rythmo muito caracteristico. Compôz no mesmo anno duas das suas obras mais notaveis: o poema symphonico «COMALA» e a «SUITE BRÉSILIEENNE», para orchestra e dividida nas seguintes partes: «PRELUDIO», «DANÇA RUSTICA», «CANÇÃO TRISTE», «Á BEIRA DO REGATO» e «SAMBA».

O «SAMBA» é a unica parte da «SUITE BRÉSILIEENNE» conhecida em S. Paulo, onde tem sido executada pela banda da Força Publica, sob a regencia do maestro Antão Fernandes.

Que assumpto haverá mais simples e mais trivial que um samba de pretos em uma fazenda? No entanto, tratado por Alexandre Levy, assume um aspecto verdadeiramente esthetico.

O auctor soube comprehender admiravelmente a psychologia daquellas miseras creaturas cuja vida era uma cruenta jornada de espinhos. Ouvem-se no «SAMBA» gritos de angustia ao lado de danças alegres e selvagens, e, de espaço a espaço, cantos tristes e mysteriosos, como que evocando a imagem de tranquillos sonhos alcandorados, esvaídos na mansidão das selvas africanas, incendiados pelo fulgor das alvoradas tropicaes.

Em 20 de Julho de 1890, foi executado, no Rio de Janeiro, com a presença do marechal Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, o quinto programma da série de concertos populares organisados pelo maestro Carlos de Mesquita.

Figurava nessa brilhante festa de arte o «SAMBA», de Alexandre Levy, trazendo o respectivo programma estas linhas explicativas:

«Sobre o seguinte assumpto de Julio Ribeiro inspirou-se o joven maestro nacional.

.....

«Ao som de instrumentos grosseiros dançavam.

«Negros e negras, formados em vasto circulo, agitavam-se, palmeavam, compassadamente, ruflavam adufes aqui e alli.

«Um figurante, no meio, saltava, volteava, baixava-se, erguia-se, retorcia os braços, contorcia o pescoço, reboia os quadris, sapateava em um phrenesi indescriptivel, com uma tal prodigalidade de movimentos, com um tal desperdicio de acção nervosa e muscular que teria estafado um homem branco em menos de cinco minutos.

«E cantava

«E a turba repetia em côro:

Eh! pomba eh!»

O «SAMBA» obteve estrondoso successo no Rio de Janeiro. O «JORNAL DO COMMERCIO», publicou em seu numero de 21 de Julho de 1890, as seguintes impressões de Rodrigues Barbosa, seu auctorizado critico musical:

«O autor do «SAMBA» é um musico de muito talento e estabelecido na cidade de S. Paulo. O thema ou antes os themas escolhidos para uma peça que tem por titulo o «SAMBA» deviam ser por demais chulos, e toda a difficuldade estava em tornar digno e acceitavel um genero de musica que, despido das galas da composição, seria intoleravel num concerto como o de hontem.

«Alexandre Levy tratou o thema com uma exuberancia extraordinaria. Modelou-o até á saciedade, contrapontou-o complicadamente, deu-lhe uma instrumentação vigorosa,

scintillante, tomando por modelo as formas do grande Massenet, e com isto fez não um numero de SUITE, mas uma phantasia que talvez peque por prodigalidade.»

Oscar Guanabario, critico muito conhecido pela franqueza com que costuma emittir as suas opiniões, assim se manifestou pelas columnas d'«O PAIZ»:

«O auctor serve-se de cantos populares, seguindo o exemplo de Massenet nas suas diversas SCENAS: harmonisa-os com grande distincção e instrumenta-os com tanta propriedade, que o trabalho apresentado pode ser assignado por qualquer mestre de renome europeu.

«A maior difficuldade foi animar os rythmos das canções e quebrar-lhes a monotonia das toadas; mas o artista venceu tudo com o seu raro talento, fina concepção, e uma factura que deixa em relevo o genio distincto que preside as suas obras.

«Infelizmente o regente Carlos de Mesquita não comprehendeu esta producção musical e imprimiu-lhe character frio e pouco nervoso, em desaccôrdo com a idéa tanto do compositor como do auctor do trecho que o inspirou.»

Como vêem, Guanabario exalta a producção de Levy, mas investe contra Mesquita, por haver este, em sua opinião, sacrificado a interpretação que lhe fôra confiada.

Valentim Magalhães, porém, enviou ao «ESTADO DE S. PAULO» a seguinte correspondencia do Rio, publicada a 1 de Agosto, na qual tece os maiores elogios ao auctor do «SAMBA» e defende o organisador dos concertos populares:

«Envio os meus parabens ao joven compositor paulista Alexandre Levy pelo seu «SAMBA», tocado em primeira audição ha dias, nos CONCERTOS POPULARES.

«La fui ouvil-o e desejo que o seu auctor fique sabendo que fui eu que PUCHEI pelos pedidos de bis, que fui dos que mais maltrataram as mãos, dando-lhe palmas.

«O «SAMBA» é uma composição lindíssima, reveladora não só de uma larga e poderosa inspiração, como de uma competência profissional de primeira ordem.

«Deliciou-me. O que nella, talvez mais do que tudo, me admirou foi a habilidade delicadíssima com que nessa composição fundiu o maestro os dois elementos ethnicos da musica brasileira — o africano e o mestiço, o JONGO e o FADINHO, a toada monódica e banzeira do URUCUNGO e da PUITA, o resoar constante no acompanhamento, e o saracotear lascivo e travesso do CATERETÉ, no xangarrear das violas, amollentando-se a espaços nas denguiçes e quebros do lundú. Um primor de expressão, de movimento e de vida, de originalidade na composição geral, (comquanto nella entrassem motivos populares) e na instrumentação, que é de mestre. Quanto á execução que lhe deu a orchestra sob a batuta de Carlos de Mesquita, posso repetir, porque a ouvi duas vezes, o que tão criteriosamente lhes disse hontem o FILINDAL(*) na HISTORIA DOS SETE DIAS:

«Quanto á apreciação que o Guanabarino fez da execução de Carlos Mesquita não lhe dêem credito. O Guanabarino é um ferocissimo inimigo do talentoso maestro fluminense.

«E bem se comprehende que, se o «SAMBA» fosse assim tão mal executado, não poderia agradar como agradou ao auditorio dos concertos populares, — porque o publico do Rio presa-se e pode-se presar de entendedor de musica.»

Eis como Valentim Magalhães termina a sua chronica:

«No proximo Domingo, attendendo ao pedido de muitos frequentadores de seus concertos, fará Mesquita repetir o «SAMBA» e eu lá estarei para babar-me de gosto, ouvindo-o.»

A «GAZETA DE NOTICIAS», depois de algumas notas sobre Alexandre, publicou a seguinte apreciação sobre o «SAMBA».

(*) Filinto de Almeida.

«O «SAMBA» é a reproducção viva e fiel da característica dança dos pretos do interior de S. Paulo, nas festas que já hoje vão desaparecendo, e que Julio Ribeiro descreveu com mão de mestre, danças que tiveram origem nas congadas ainda em pleno desenvolvimento de ha trinta annos, e cuja rudeza primitiva de instrumentos e canticos selvagens, asperos e imponentes, foi se modificando para receber, pela intervenção dos caboclos e dos mulatos, a doçura plangente característica da nossa musica pastoril.

«Alexandre Levy instrumentou com grande proficiencia esses rythmos guardados pela tradição, e com motivos populares entremeiou a aspereza dos tambaques e dos adufes. O publico applaudiu phreneticamente a peça, que foi bisada.»

Alexandre Levy deixou ainda o «ALLEGRO APPASSIONATO», inspirado por uma paixão que lhe escaldou o peito; as SCHUMANNIANAS, delicadas paginas de musica romantica, primorosamente escriptas para piano e vasadas no estylo do mestre de Zwickau; as «VARIAÇÕES SOBRE O BITÚ», a que já alludimos e outras composições de fino quilate.

As «VARIAÇÕES SOBRE O BITÚ», em numero de 16, por si fariam a reputação do auctor, se outras producções não viessem augmentar ainda mais o seu renome. O conhecido thema popular, tão simples e tão infantil, foi desenvolvido por Alexandre com as tintas mais ricas de sua palheta musical, com as mais finas nuanças da sua concepção artistica. Ha nas «VARIAÇÕES» contrastes vivos e curiosos, como, por exemplo, o que se nota na passagem da variação n.º 8, «ALLEGRETO» (IN GUIA DI SCHERZO) para o de n.º 9, «LENTO» (ALLA FUNEBRE). As riquezas harmonicas surgem em profusão, lembrando a cada instante a forma de Schumann, de cujo estylo Alexandre se approximou.

O «Brrú» transformado e vestido com as pompas que lhe emprestou Alexandre deixa de ser a musica enfadonha que as crianças batucam horas e horas sobre miseros e indefesos pianos, para assumir um character aristocratico, capaz de competir, senão pela originalidade, ao menos pela forma, com as composições dos grandes mestres da musica.

Alexandre foi tambem um bom critico musical. Ás chronicas por elle publicadas nos principaes diarios paulistanos da sua época, consagraremos um capitulo especial, no qual procuraremos estudar essa outra interessante face do seu bellissimo talento.

* * *

Pois bem, senhores. Um artista de tamanha envergadura, um musico tão notavel, que mereceu a consagração dos mestres mais competentes, não teve em S. Paulo sinão a homenagem da familia, gravada no marmore que se levanta sobre o seu tumulo, na necropole da Consolação. A nossa capital, que se vangloria de ser um centro musical adeantado, onde se executam as melhores producções musicaes, não tem sabido pagar o seu tributo ao compositor paulista.

O insigne homem de letras Dr. Oliveira Lima, nosso illustre consocio, apresentou ao Congresso Internacional de Musica, reunido em Vienna para commemorar o centenario de Haydn, um interessante trabalho sobre a musica no Brasil, encarada sob o aspecto historico.

Depois de remontar ao periodo colonial, para mostrar a origem da musica em nosso paiz e salientar a preponderancia que sobre ella exerceram as cantigas portuguezas transplantadas de além-mar no seculo XVI, e de alludir á fusão resultante desse elemento com os monotonos motivos africanos, o Dr. Oliveira Lima entrou na phase propriamente dita da

nossa formação musical, iniciada por José Mauricio, que viveu de 1767 a 1830. A segunda phase foi contemporanea da independencia e pode ser denominada patriotica. Seu corypheu, Francisco Manoel da Silva (1795—1865) foi o fundador do Conservatorio de Musica do Rio de Janeiro, estabelecimento que teve como discipulo Carlos Gomes, que, diz o conferencista, genialmente encarnou a nossa musica romantica e mereceu a consagração de Verdi e outros mestres da Italia, onde primeiro foram cantadas as suas operas principaes. A vivacidade e o frescor de seu estro, affirma ainda o Dr. Oliveira de Lima, correm parselhas com a riqueza e variedade de seus recursos, abundando suas operas em symphonias poderosas como a protophonia do «GUARANY» e em trechos tocantes como os canticos nostalgicos de Ilara, no «ES CRAVO». Observam-se em todas as suas composições um calor communicativo e uma exuberancia de motivos, que só podem ser dons de um talento musical absolutamente de primeira ordem; mas ao mesmo tempo se nota um sentimento local repousando sobre uma certa e indiscutivel personalidade, que torna o artista particularmente querido de seus compatriotas.

Mostra depois o Dr. Oliveira Lima a influencia exercida pela reforma wagneriana sobre os modernos compositores brasileiros, referindo-se a Leopoldo Miguez, fallecido em 1902 e que representa a nova escola, a qual vae de Alberto Nepomuceno a Henrique Oswald e de Francisco Braga a Meneleu Campos.

Embora vejamos no trabalho do Dr. Oliveira Lima um bello estudo synthetico da musica no Brasil, não podemos, todavia, deixar passar sem o nosso modesto reparo uma lacuna que nelle se verifica. Falando com tamanha proficiencia sobre a origem e desenvolvimento da musica brasileira,

o Dr. Oliveira Lima esqueceu-se de citar o nome de um musico paulista ao qual, de justiça, devia dar um logar de honra na galeria dos vultos mais proeminentes da arte nacional. Alexandre Levy, o delicado cantor das «SCHUMANNIANAS», deixou obras de subido valor, quer quanto á forma, quer ainda quanto á frescura e espontaneidade de seus motivos.

Mas a culpa de tal omissão não cabe ao Dr. Oliveira Lima. Fossem todos inspirados pelos mesmos sentimentos patrioticos e o mesmo criterio que impelliram o illustre diplomata brasileiro a tão nobre empreendimento, e a arte nacional não andaria como andrajosa mendiga a espreitar timidamente os passos gigantescos da arte européa.

Mas de quem, então, a culpa? Dos brasileiros que não sabem dar o devido apreço aos nossos artistas e deixam que os seus nomes se esqueçam. Si tiveramos o habito de reviver a memoria dos nossos musicos notaveis através de suas obras mais apreciaveis, o insigne historiador facilmente teria encontrado dados sobre Alexandre Levy, como os encontrou sobre os outros vultos citados em sua conferencia.

É preciso que cuidemos de reviver os traços da individualidade artistica de Alexandre Levy, fazendo executar as suas composições perante o publico.

As obras musicaes não são como os monumentos de arte gothica, que vivem na eterna mudez das linhas architectonicas, nem como os quadros celebres que se ostentam nas galerias dos museus, nem ainda como as estrophes dos poetas que scintillam e renascem nas paginas do livro. A musica é a arte dos sons e só através dos sons póde ser comprehendida e relembrada aos posteros.

Não pedimos uma estatua para Alexandre Levy. Essa compete a Carlos Gomes, o artista maximo que interpretou nas paginas do «GUARANY» as vibrações ardentes da alma

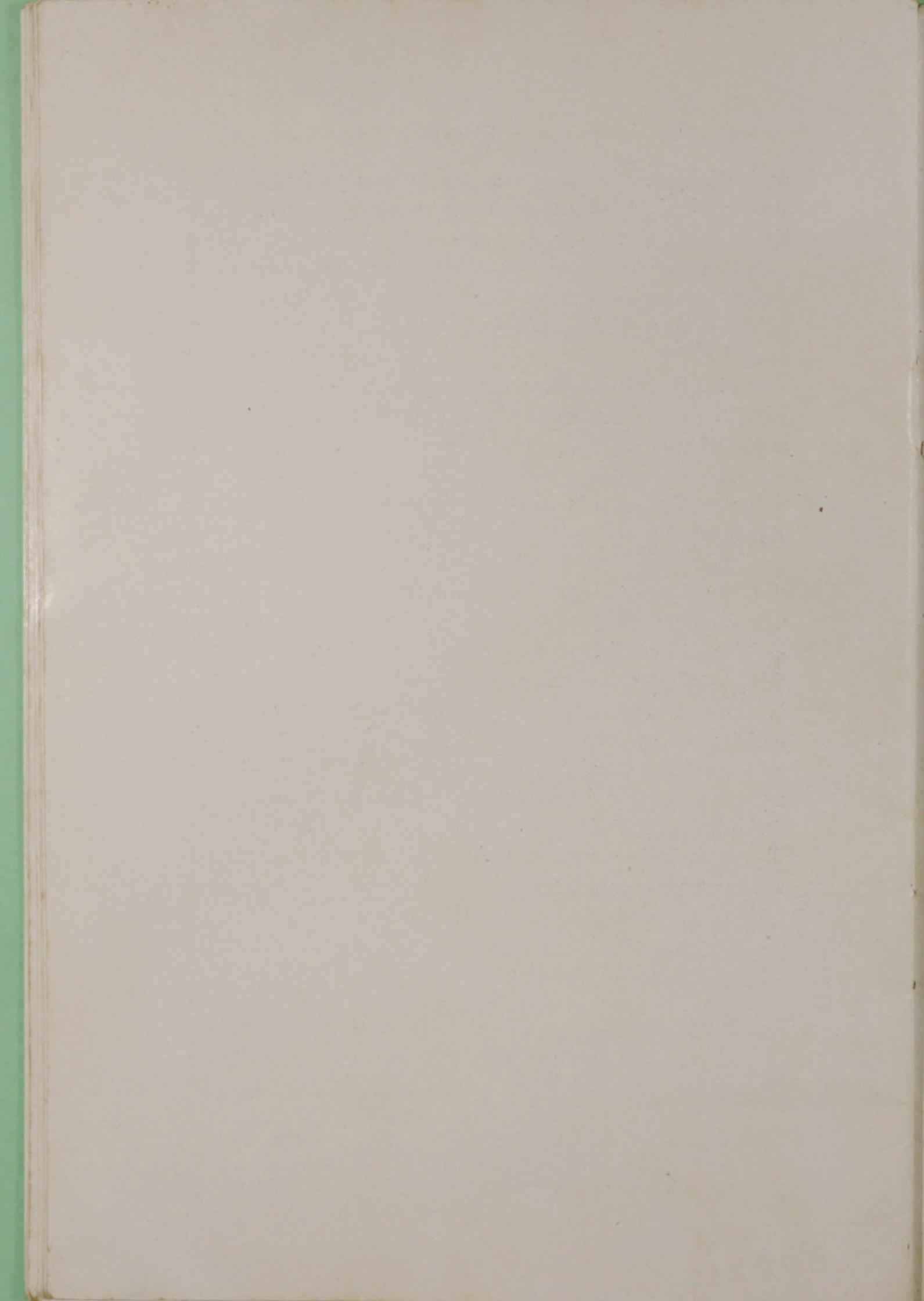
nacional. Quereríamos apenas que as suas producções figurassem mais em nossos concertos e que o seu nome fosse ligado a uma das ruas da capital.

Quando morre um artista notavel na França, um poeta ou um pintor, um musico ou um esculptor, um dos primeiros cuidados das municipalidades é dar o seu nome a uma via publica.

Em S. Paulo vemos placas com o nome de todo o mundo, muitas das nossas praças são consagradas a ridiculas mediocridades. Só não temos ainda uma rua Alexandre Levy.

É por isso que eu vos dizia, ao traçar o exordio deste desprezencioso trabalho, que não sabemos prestar a homenagem devida aos nossos homens.

Mandamos gravar sobre os muros da cidade o nome de apagados figurões que se não assignalaram por um unico acto merecedor da nossa homenagem e da nossa gratidão e deixamos criminosamente esquecidos entre a ignara multidão dos nullos os vultos mais notaveis da nossa galeria intellectual! Consagramos a obscuridade e o charlatanismo e olvidamos os homens que mais têm sabido honrar a Patria e constituem o maior galardão da nossa nacionalidade — aquelles que, pelo influxo do seu engenho e da sua actividade, hão contribuido para a perpetuação das gloriosas tradições da nobre raça dos Andradas e para o brilho e renome da abençoada terra paulista!



DO MESMO AUCTOR

PUBLICADO

A “APPASSIONATA” de Beethoven

NO PRÉLO

“IN MEMORIAM”

Homenagem a Victor Bourroul, Brenno Silveira
e Villalva Junior.

TIRADENTES

OS LUSIADAS

EM ELABORAÇÃO

CARLOS GOMES

CRITICA MUSICAL

ESTADISTAS NOTAVEIS

ATRAVÉS DA IMPRENSA

